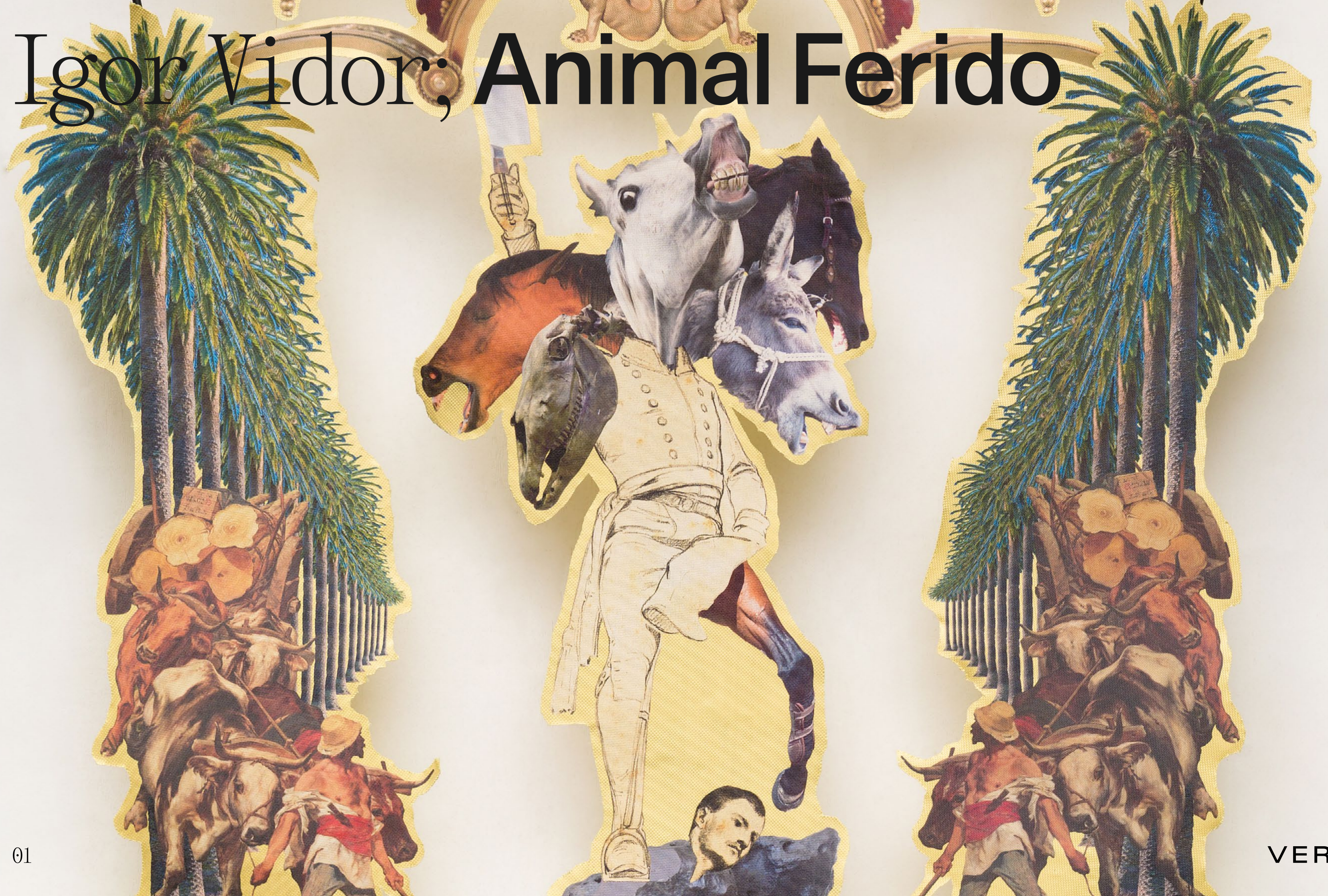


Igor Vidor; Animal Ferido



Igor Vidor

PT

EN

1985; São Paulo, SP; Vive e trabalha em Berlim, Alemanha [Lives and works in Berlin, Germany].

Igor Vidor explora mecanismos de poder e opressão através de suas esculturas, performances e vídeos. Seus trabalhos apresentam sinais de violência e injustiça social profundamente enraizadas no cotidiano.

O artista reflete como estas condições se repetem, perpetuando símbolos de violência que acabam ganhando novos significados. Permite-nos refletir sobre como este atrito contribui para um cenário de intermitente e aparentemente insolúvel violência que encontra ecos e recorrência na história do Brasil. Seu trabalho tem sido apresentado em inúmeras exposições internacionais no Brasil, na Alemanha e nos EUA.

Em 2016, ele foi o primeiro brasileiro convidado a participar do Programa de Intercâmbio Internacional pelo Museu Nacional de Arte Moderna e Contemporânea de Seul - MMCA. Seus trabalhos integram o acervo do Perez Art Museum (Miami), do Itaú Cultural e do MAR.

Igor Vidor explores mechanisms of power and oppression through his sculptures, performances, and videos. His works convey signs of violence and social injustice deeply rooted in everyday life.

The artist reflects how these conditions repeat themselves, perpetuating symbols of violence that end up taking on new meanings. He allows us to reflect on how this friction contributes to a scenario of intermittent and seemingly insoluble violence that finds echoes and recurrence in the history of Brazil. His work has been featured in numerous international exhibitions in Brazil, Germany and the USA.

In 2016, he was the first Brazilian invited to participate in the International Exchange Program by the National Museum of Modern and Contemporary Art in Seoul - MMCA. His works are part of the collection of the Perez Art Museum (Miami), Itaú Cultural and MAR.





Animal Ferido

por **Carollina Lauriano**

Duas semanas após as eleições mais decisivas para a manutenção de um Estado democrático brasileiro, observamos nesse processo uma série de disputas narrativas fundamentadas em uma estratégia de esvaziamento da voz da oposição e uma radicalização de discurso autoritário e segregacionista, amplamente baseadas em uma agenda comportamental que envolve uma ampla e estruturada rede de notícias falsas e imagens e símbolos deslocados de seu contexto que, ao serem compartilhadas à exaustão, reafirmam a ideia de uma democracia polarizada cujas narrativas estão em disputa a todo momento.

Embora *Animal Ferido*, primeira individual de Igor Vidor na Verve, não se endereça a tecer comentários diretos sobre como a extrema direita tomou o país de assalto, criando resultados desastrosos para a sociedade brasileira como um todo - e com desdobramentos desafiadores para as próximas décadas; a exposição apresenta caminhos para compreender os perigos de uma história única que, em um primeiro momento se apresenta como tragédia, e depois como farsa.

Para tal, Vidor se vale de uma série de construções que vão buscar na própria história do Brasil, símbolos que denotam uma cooptação narrativa para manutenção do poder e dos privilégios coloniais, que até hoje regem as relações políticas e econômicas no país. No entanto, a exposição começa a se estruturar a partir de estudos do artista sobre a Guerra de Canudos, e como as raízes desse embate possuem semelhanças com campos de disputa na nossa sociedade contemporânea. Vale lembrar que o município localizado no interior da

Bahia, Canudos foi palco de um dos maiores conflitos sociais envolvendo a luta armada das populações pobres pela posse da terra, um campo fértil de disputas ideológicas entre propriedade privada, vulnerabilidade social, forças armadas do governo e fanatismo religioso.

Dessa forma, *Animal Ferido* vai construindo uma analogia entre a história recente do país e suas origens calcadas na violência oriunda dos primeiros eventos que constituíram o Brasil República, criando representações alegóricas da flora e fauna que foram simbolicamente cooptadas pelas instituições que detém o monopólio da força no país. E a primeira representação desses atos está logo na entrada da exposição. Uma cortina instalada na entrada da galeria, ao mesmo tempo que apresenta uma leve transparência revelando parte do interior do espaço, também obstrui o acesso completo do conteúdo que está sendo apresentado, o que podemos considerar uma representação poética da própria noção de como a história brasileira nos foi e ainda é contada, como um borrão que não apresenta fatos importantes para estabelecermos outras perspectivas dos fatos.

Retomando Canudos, Vidor faz uma viagem ao município a fim de refazer um percurso histórico que origina outro palco de disputa atual e, que, de certo modo estabelece uma relação com parte de sua biografia recente e os atos de violência que o fizeram deixar o país. Como talvez poucos saibam, as favelas têm suas origens na guerra que dizimou brutalmente cerca de 25 mil pessoas durante o considerado o primeiro grande ato militar da Primeira República. Favela é o nome dado a um

arbusto encontrado no sertão e que também passará a chamar o local o qual soldados combatentes do exército foram viver após seu retorno da guerra para o Rio de Janeiro.

Com a promessa de ganho de moradia pelo seu trabalho servindo a nação, tais soldados se viram com a promessa quebrada, foi então que essa população sem moradia se estabeleceu nos arredores de uma guarnição de exército, onde hoje é o Morro da Providência, marco zero desse tipo de formação urbana no Brasil. Situado entre Gamboa e Santo Cristo, o território recebe esse nome por possuir uma vegetação semelhante ao favela e também pelas condições geográficas próximas ao local onde os combatentes se alojaram em Canudos. Segundo levantamento de dados produzidos pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) do Rio de Janeiro, no ano de 2021, cerca de mil pessoas foram dizimadas em ações policiais nas comunidades da cidade, realidade que nos faz pensar que as disputas ideológicas e de poder estabelecidas em Canudos seguem vivas até hoje.

Ainda sobre a cortina, ali estão impressos elementos que compõem a árvore de favela. Nela, folhas, frutos, flores e sementes estão desenhados como nos desenhos de botânica que foram registrados, especialmente, em expedições naturalistas do século XIX, e que depois foram institucionalizadas no governo de Getúlio Vargas como fonte de exploração das fontes naturais do Nordeste entre os anos 1933 e 1968, período de atuação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB).

Adentrando a sala expositiva, três conjuntos de trabalhos reafirmam tal discurso da exploração como produção de vulnerabilidades, seja da própria natureza, seja de uma população carente de recursos e a manutenção de um sistema opressor. A série *Alegoria do Terror* apresenta três colagens em grande formato. Combinando uma série de elementos que, ora retomam marcos históricos, ora apresentam símbolos que reafirmam a força e/ou a violência institucionalizada em diversas instâncias de governo e sociedade, formando um conglomerado de imagens que, ao mesmo tempo que estão cheias de significado e capital simbólico, também encontram-se esvaziadas de sentido quando deslocadas de seu contexto original; esse último pode ser colocado em paralelo com estratégias adotadas pelo populismo como construção de uma narrativa totalitária e nacionalista.

Adicionando uma outra camada discursiva a série, as imagens foram impressas em fibra de aramida, material comumente conhecido por ser responsável pela blindagem de carros. Nesse caso, Vitor tenciona como um próprio local produz violência e as próprias ferramentas de defesa para elas, direcionando o discurso de como o norte global - aqui em especial a Alemanha, que também é fornecedora de armamentos que acabam desembocando em países da América Latina, abastecendo milícias e facções criminosas - é responsável pelo fomento da violência do sul global, criando um ciclo vicioso de manutenção de poderes.

E esse discurso está presente em outras duas esculturas que fazem parte da exposição. *Cópula Cloaca* é uma escultura que une

dois aviões da Força Aérea Brasileira sob uma base que alude a papalotes de cocaína. Ambos aviões são réplicas das aeronaves da força aérea que estiveram envolvidos em denúncias de transporte da droga para a Europa. Já em *A Serpe (Ovo da Serpente)*, Vidor retoma sua pesquisa sobre autoprodução de imagens. Na tragédia Júlio César, de Shakespeare, ao aderir à conspiração contra o ditador Júlio César, Brutus o compara a “um ovo de serpente, que, uma vez chocado, por sua natureza, se tornará nocivo, razão pela qual deve ser morto quando ainda na casca”. No Brasil, o ovo da serpente retoma com a ascensão do fascismo no Brasil, o discurso inflamado da extrema direita que levou à construção de um comportamento nacionalista criado por ela frente aos desgastes políticos que levaram ao golpe e suas consequências.

Por fim, Vidor convida dois outros artistas para integrar a mostra, Silvio De Camillis Borges e Gilson Plano, adicionando novas camadas de complexidade para a exposição. Se nos trabalhos de Vidor há uma busca pela nitidez dessas imagens borradas pela história, os desenhos de Silvio parecem trilhar um caminho contrário. Se toda fauna evocada por Vidor possuem um teor de bestialidade, as obras de Silvio trazem uma complacência para esses animais, quase um gesto de delicadeza como se ele devolvesse a eles seu lugar de pertencimento.

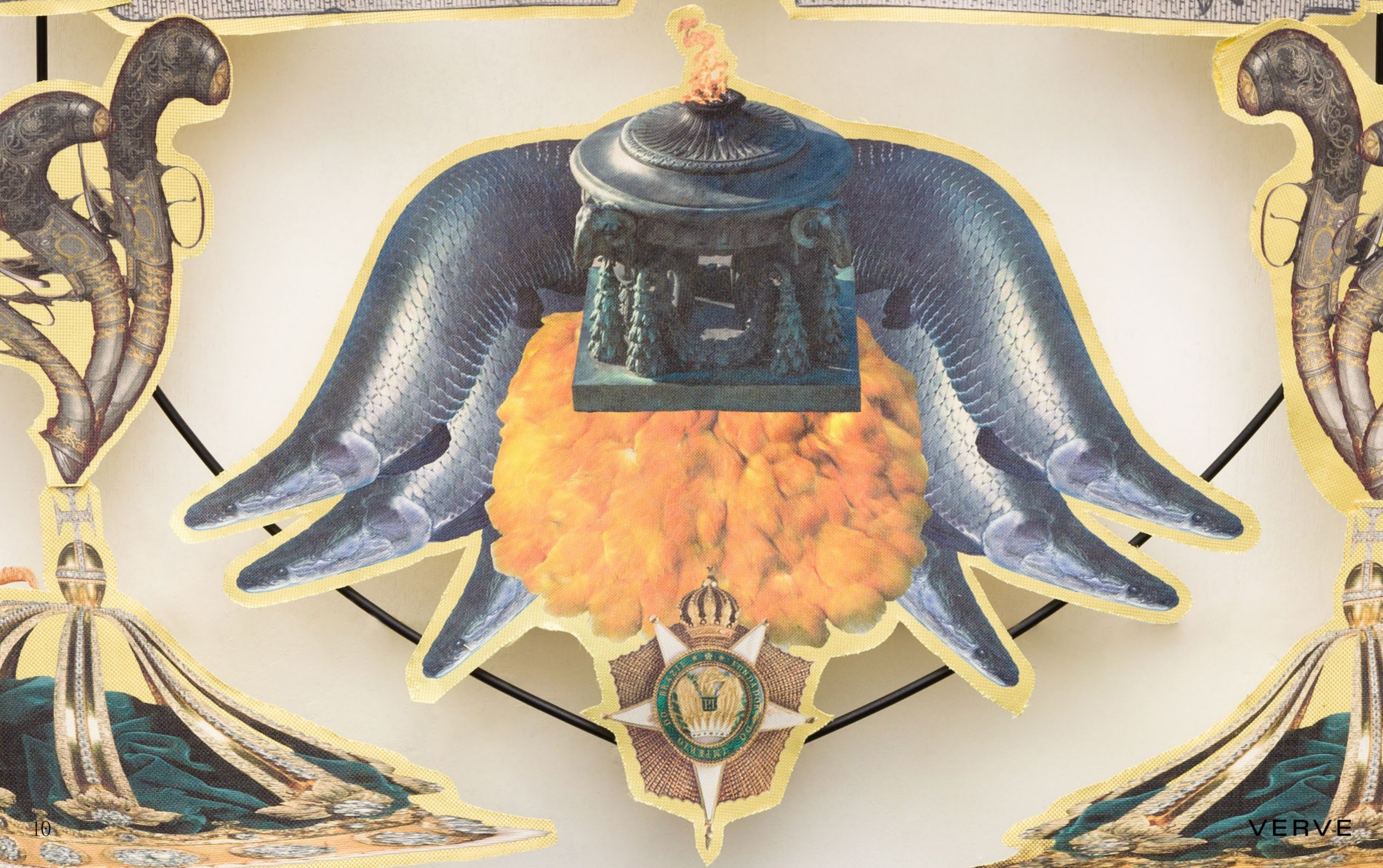
Se na abordagem de Vidor, a vulnerabilidade está associada à cooptação, me parece que para Sílvio o mesmo termo significa força e potência. Em outro aspecto, *Meridianos* de Gilson Plano também atua nessa mediação. O couro animal perpassado por agulhas e vergalhões exibem as cicatrizes de uma pele em

disputa, seja a própria discussão do espaço do agronegócio na economia nacional, ou mesmo um corpo negro à margem, e aqui retomamos tanto as favelas, quanto as animalidades que esses corpos estão sujeitos desde o período da escravidão. Ainda sobre os atravessamentos e complexidades existentes nas esferas e campos de poder e violência que estruturam a formação do Brasil, e que perpassam o trabalho de Vidor e Gilson, a obra *Dois Campos* consiste em um comentário invisível, porém extremamente simbólico, de como essas violências institucionais ocorrem. Na obra de Gilson, foram projetados furos na parede da galeria, que foram preenchidos tanto com sementes de favela, trazidas de Canudos por Igor, quanto com elipses de chumbo, em um processo de reafirmar as cicatrizes causadas por essas animalidades. As marcas que lembram diariamente certos corpos que as feridas que estão, ao mesmo tempo em processo de cicatrização, ainda continuam sangrando.

Embora *Animal Ferido* traga todas essas camadas de complexidade sobre a construção da nossa história e como ela está o tempo todo sendo manipulada para manutenção de poderes, o título também alude a um sopro de futuro o qual precisamos urgentemente cicatrizar feridas, por mais que elas permaneçam ali para nos lembrar de todas as acontecimentos. Se a tentativa da escassez ainda prevalece como uma narrativa vigente, olhemos para as sementes da favela como potência de ressignificar espaços, mesmo que esses ainda carreguem marcas de violência, porque um dia o sertão há de virar mar.











VERVE













Silvio De Camillis Borges

PT

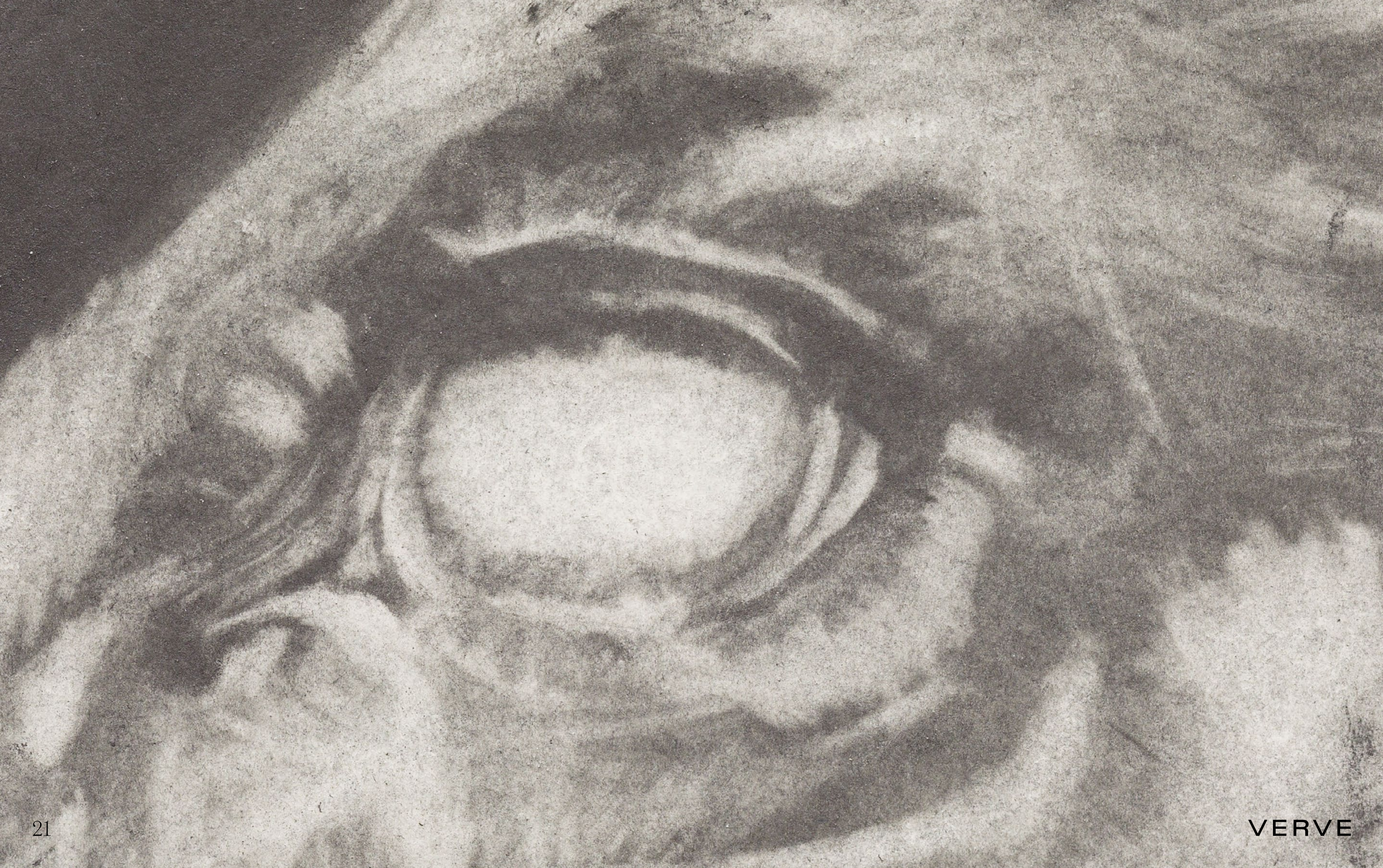
EN

1985; São Paulo, SP; Vive e trabalha em São Paulo, SP [Lives and works in São Paulo, SP].

Silvio De Camillis Borges vem elaborando narrativas poéticas que alargam índices de funcionalidades de trabalhos braçais a partir da abstração de gestos e formas, de corpos e ferramentas. Seus trabalhos tensionam o embate entre o labor, o corpo e tais ferramentas nos permitindo pensar o coeficiente poético desta produção em contraposição aos processos de desterritorialização das nossas identidades e do achatamento de nossas subjetividades.

Silvio De Camillis Borges has been elaborating poetic narratives that expand the functionalities of manual work from the abstraction of gestures and shapes, bodies and tools. His works stress the clash between work, the body and such tools, allowing us to think about the poetic coefficient of this production in contrast to the processes of deterritorialization of our identities and the flattening of our subjectivities.



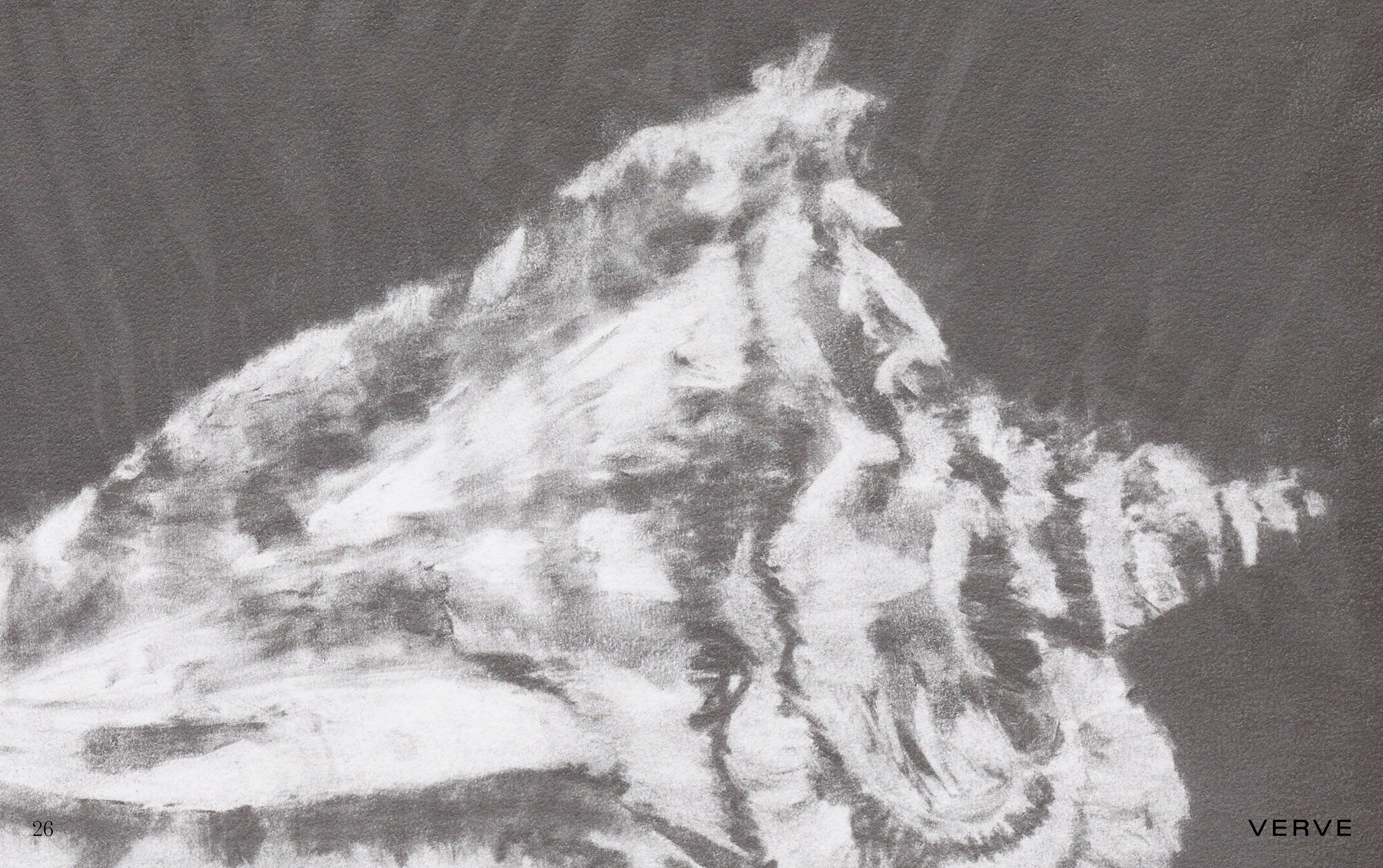


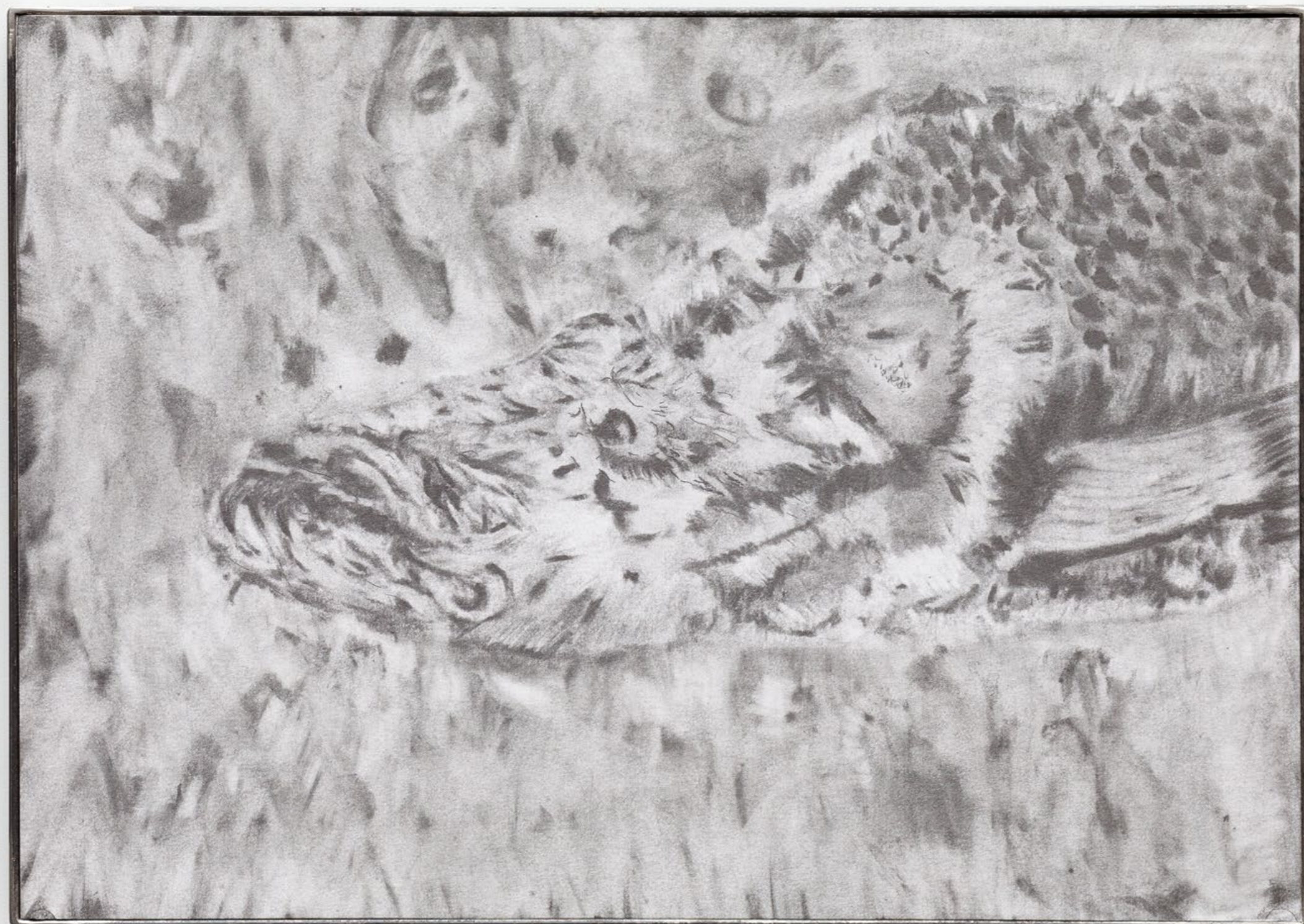














Gilson Plano

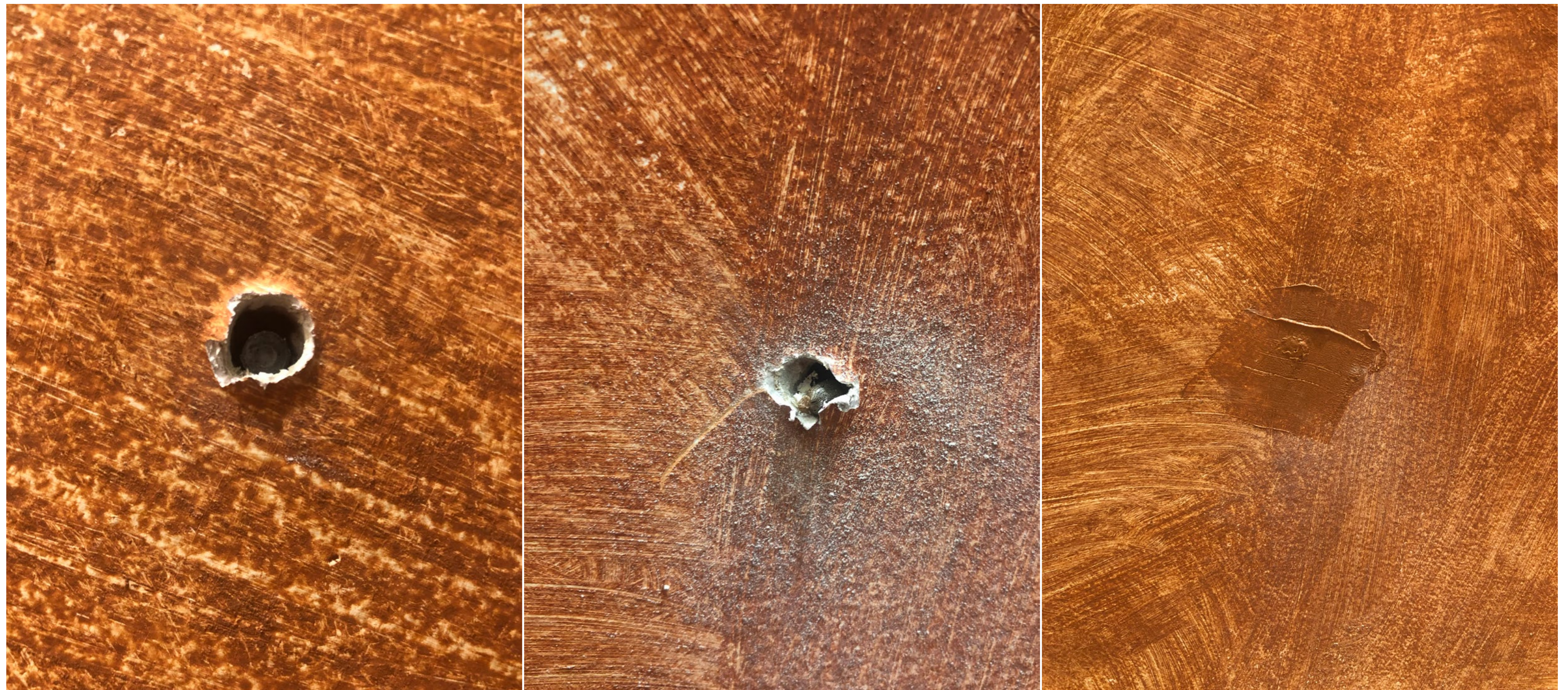
PT

EN

1988; Goiânia, GO; Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ [Lives and works in Rio de Janeiro, RJ].

Gilson Plano é artista visual e educador. Mestrando em Processos Artísticos Contemporâneos pelo PPGARTES - UERJ e doutorando pelo mesmo programa; foi aluno do curso Formação e Deformação da EAV Parque Lages 2019. Desenvolve trabalhos na intersecção de performance, escultura, fotografia e vídeo, investiga em sua produção artística o imaginário sobre a história do corpo preto, acompanhadas das idéias de peso, ficção e encantamento.

Gilson Plano is a visual artist and educator. Master's student in Contemporary Artistic Processes at PPGARTES - UERJ and doctoral student at the same program; he was a student of the Formation and Deformation course at EAV Parque Lages 2019. He develops works at the intersection of performance, sculpture, photography and video, investigates in his artistic production the imaginary about the history of the black body, accompanied by the ideas of weight, fiction and enchantment.









Igor Vidor

Exposições individuais [Solo exhibitions]

2022	Anunciação , Silêncio Coletivo - duo com [duo with] Jaime Lauriano; Lisboa [Lisbon], Portugal;
2022	Paraíso da Miragem , Kubik Gallery; Porto, Portugal;
2021	Igor Vidor IBB - Video Space , Berlinische Galerie Museum für Moderne Kunst; Berlim, Alemanha [Berlin, Germany]
2021	Violence as Commodities , LOAF - Laboratory of Art and Form; Kyoto, Japão [Japan];
2020	New Viewings - Alegoria do Terror , Barbara Thumm Galerie; Berlim, Alemanha [Berlin, Germany];
2020	Alegoria do Terror , Künstlerhaus Bhetanien; Berlim, Alemanha [Berlin, Germany];
2018	Heróis nunca celebram vilões / Heróis apenas celebram vilões , Galeria Leme; São Paulo, SP, Brasil;
2011	Expedição Piracicaba , Pinacoteca Miguel Dutra; Piracicaba, SP, Brasil;
2011	O sublime como possibilidade diante da morte , Ateliê Aberto; Campinas, SP, Brasil;

Exposições coletivas [Group exhibitions]

2022	Contramemória , Theatro Municipal de São Paulo; São Paulo, SP, Brasil;
2022	How will you ascertain time? , Savvy Contemporary; Berlim, Alemanha;
2022	Essa Minha Letra - Lima Barreto e os Modernismos Negros , MUHCAB; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2021	Rechtsstaatlichkeit, Kunst und Menschenrechte , Konrad Adenaur Stiftung; Bogotá, Colômbia;
2020	Against Again: Art under attack in Brazil , Anya and Andrew Shiva Gallery / John Jay College of Criminal Justice; Nova Iorque, EUA [New York, USA];
2019	Re-conhecimento , Solar dos Abacaxis; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

Exposições coletivas [Group exhibitions]

2018	Com o ar pesado demais para respirar , Galeria Athena; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2018	The World's Game: Fútbol and Contemporary Art , Perez Art Museum; Miami, EUA [USA];
2018	Bienal do Mercosul , Porto Alegre, RS, Brasil;
2017	Art Weekend , Galeria Leme; São Paulo, SP, Brasil;
2017	Dove Audio Video Festival , Sewoon Arcade; Seul, Coreia do Sul [Seoul, South Korea];
2017	Montage is a Heart Beat , Deep in the Mountains Artistic Residency; Seul, Coreia do Sul [Seoul, South Korea];
2017	Attention! Promised Place, Contesting Common Grounds , FLUCA Austrian Cultural Pavillion; Plovdiv, Bulgária [Bulgaria];
2017	Cinema na Vila Autódromo , Nancy Popp Instalation; Klowden Mann Gallery; Los Angeles, EUA [USA];
2017	California Pacific Triennial , Nancy Popp Instalation; Orange County Museum of Art; Orange County, EUA [USA];
2017	São Paulo não é uma cidade , Sesc 24 de Maio; São Paulo, SP, Brasil;
2017	30 Anos Itaú Cultural , Oca São Paulo; São Paulo, SP, Brasil;
2017	Quando o mar se tornou Rio , Museu Histórico Nacional; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2016	No Man's Land , National Museum of Modern and Contemporary Art Korea (MMCA); Seul, Coreia do Sul [Seoul, South Korea];
2016	Young Artists Project 16 , Daegu Art Square; Daegu, Coreia do Sul [South Korea];
2016	A cor do Brasil , Museu de Arte do Rio; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2016	Jogos do Sul , Centro Cultural Helio Oiticica; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

Exposições coletivas [Group exhibitions]

2016	My Body is a Cage , Galeria Luciana Caravello; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2016	Linguagens do corpo , Museu de Arte do Rio; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2016	Welcome , Galeria Luciana Caravello; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2016	Permanências e destruições , Torre H; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; 2016 Vagalumes , Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2016	1a Image e Movimento , Casa França-Brasil; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2016	Vagalumes , Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2015	A mão negativa , Escola de Artes Visuais do Parque Lage; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2015	Abre Alas , Galeria A Gentil Carioca; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2015	O tempo da duração , Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2015	Morro , Mesa; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2014	Frestas , Trienal de Artes; SESC Sorocaba; Sorocaba, SP, Brasil;
2014	Quando o mar se tornou Rio , Museu Histórico Nacional; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2014	Tatu: Futebol Adversidade e Cultura da Caatinga , Museu de Arte do Rio; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2014	Arte Praia 3a. Edição , Casa da Ribeira; Natal, RN, Brasil;
2014	Deslize Suf e Skate , Museu de Arte do Rio; Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2012	Convergência Natural , Centro Cultural São Paulo; São Paulo, SP, Brasil;
2012	Atuações , Paço das Artes; São Paulo, SP, Brasil;
2012	Daquilo que me Habita , Centro Cultural Banco do Brasil; Brasília, DF, Brasil;

Exposições coletivas [Group exhibitions]

2011	Unfreeze - 15º Festival Cultura Inglesa , Cultura Inglesa; São Paulo, SP, Brasil;
2011	Projeto Artéria , SESC Campinas; São Paulo, SP, Brasil;
2010	42º SAC Piracicaba , Pinacoteca Miguel Dutra; Piracicaba, SP, Brasil;
2010	Arte Pará , Belém, PA, Brasil;
2009	Centro Abierto 09, intervenciones de sítio específico en centro histórico de Lima , Lima, Peru;
2008	Lado B , Itaú Cultural; São Paulo, SP, Brasil;

Coleções institucionais [Institutional collections]

2017	Perez Art Museum , Miami, EUA [USA];
2017	Museu de Arte do Rio , Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
2017	Itaú Cultural , São Paulo, SP, Brasil;

Residências artísticas [Artistic residencies]

2022	Pro Helvetia , Zurique, Suíça [Zurich, Switzerland];
2021-2019	Kuntlerhaus Bethanien , Berlim, Alemanha [Berlin, Germany];
2017	Deep in the Mountains , Korean Art Council - PeyongChang; Seul, Coreia do Sul [Seoul, South Korea];
2016	National Museum of Modern and Contemporary Art of Korea (MMCA) , Seul, Coreia do Sul [Seoul, South Korea];
2015	I World Indigenous Games , Tocantins, Brasil;
2011	Ateliê Aberto , Campinas, SP, Brasil;

Prêmios [Awards]

2010	42° SAC Piracicaba , Pinacoteca Miguel Dutra; Piracicaba, SP, Brasil;
2008	Lado B , Itaú Cultural; São Paulo, SP, Brasil;

Avenida São Luis 192
Ed Louvre SL06
SP; BR